



FREITAS, James Deam Amaral. “A gaiola” - identidades femininas no conto de Augusta Faro. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 9, Julho 2011. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]

“A GAIOLA” - IDENTIDADES FEMININAS NO CONTO DE AUGUSTA FARO

James Deam Amaral Freitas*

RESUMO

Este artigo tem a intenção de apresentar uma possibilidade de leitura interpretativa do conto “A Gaiola”, da escritora goiana Augusta Faro. Uma vez que esse texto literário encontra-se em contiguidade com o contexto sociocultural, é possível descortinar aspectos relevantes da constituição das identidades de gênero, a partir da enunciação de uma personagem fortemente marcada pela desigualdade e opressão. Pelo viés das imagens, símbolos e valores representados na narrativa ficcional e à luz de algumas formulações teóricas feministas, pretende-se problematizar os lugares e práticas sociais das identidades femininas. Assim, defende-se que *A gaiola* instiga à reflexão sobre as formas simbólicas e explícitas de exploração e subjugação, impostas ao feminino, bem como as possibilidades de transgredi-las.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, identidades de gênero, feminismo.

ABSTRACT

This paper intends to present a possibility of interpretation for the short story “A Gaiola”, by Augusta Faro, writer from Goiás. Considering that such narrative is attached to a determined social and cultural context, it allows us to unveil some relevant aspects of gender identity formation, especially if considering the utterances produced by a character strongly affected by discrimination and oppression. Based on images, symbols and values represented throughout the story and on the light of some feminist theoretical assumptions, we aim to problematize the social positions and practices concerned with the female identity. Thus, it is advocated that “A Gaiola” invites to a reflexion about the symbolic and explicit ways of exploration and subjugation imposed on the female subject, as well as considering the possibilities to transgress them.

KEYWORDS: Literature, gender identity, feminism.

* jdeamm@hotmail.com

Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Goiás. Professora do Departamento de Áreas Acadêmicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Considerações iniciais

A identidade tornou-se um tema recorrente em nossa época, em diversos espaços sociais. Contudo, é no meio acadêmico que esse tema desdobra-se e passa a ser discutido por autores e autoras que buscam problematizar a questão e relacioná-la aos contextos linguísticos e sócio-político-culturais. Nesse debate, gênero, um dos marcadores de constituição de identidade, tem exercido uma significativa atração. Isso porque o conceito de gênero, referente das relações sociais entre os sexos, é constituído nas interações em práticas discursivas e permite situar as dimensões femininas e masculinas nas estruturas de poder.

É importante assinalar que gênero está relacionado à construção sócio-históricocultural dos sexos. Scott (1995) afirma que esse termo, além de se referir tanto aos homens quanto às mulheres, “rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina” (p. 75). Nessa perspectiva, masculino e feminino não são identidades acabadas, definidas no nascimento, mas se constituem em processo constante e de acordo com o contexto social e cultural, os momentos históricos, as relações étnicas, raciais e religiosas.

Num cenário em que gênero aparece vinculado às formas de manifestação do poder, não é de se estranhar a proliferação de estudos, provenientes de diferentes áreas do conhecimento, interessados em analisar, interpretar e criticar essa questão. É nesse contexto que as teorias feministas surgem como forma de discutir o caráter inteiramente social de distinções supostamente sexuais e expor de modo mais abrangente as relações entre os gêneros. Dessa forma, as teorias feministas se destacam de outras produções intelectuais (“não feministas”), não somente pela extensa bibliografia, mas também por suas preocupações em conceber o termo gênero como uma categoria analítica, conforme sustenta Joan Scott.

Diante disso, é inegável a importância de se inserir gênero no âmbito da reflexão teórica e analítica e adotá-lo como uma categoria de análise relacional, capaz de fornecer uma visão mais ampla sobre as relações generificadas e sobre a produção de diferenças e desigualdades, que incidem nas múltiplas esferas da sociedade, como família, política, arte, cultura etc.

Dentre os vários dispositivos que possibilitam análises interpretativas da formação identitária, destacamos o discurso literário, especialmente o conto. Esse gênero discursivo, por seu caráter representativo, constitui um instrumento profícuo de análise da constituição das identidades de gênero. Isso se deve ao fato de a literatura, como toda manifestação artística, acompanhar a trajetória humana e revelar aspectos histórico-culturais de uma dada sociedade em uma dada época. Por estar em contiguidade com a realidade, o fenômeno literário possibilita o desvelamento de diferentes práticas sociais, do caráter histórico e ideológico em que estão envolvidas e da sua relevância na manutenção ou subversão de crenças referentes às relações e às identidades de gênero.

Nesse caso, este trabalho tem o objetivo de apresentar uma leitura interpretativa de uma produção literária de autoria feminina. Trata-se do conto “A gaiola”, extraído do livro *A friagem*, da escritora goiana Augusta Faro. Partimos do princípio de que esse texto nos permite descortinar a construção das identidades femininas, pelo viés das imagens, símbolos e valores representados na narrativa ficcional, por uma personagem fortemente marcada pela desigualdade e opressão. Tomando por base a enunciação dessa personagem e à luz de alguns postulados teóricos de gênero e feminismo, serão analisados os lugares e as práticas sociais do identitário feminino e sua relação com o masculino.

Para tanto, abordaremos o conto numa perspectiva dialógica de análise (Bakhtin, 2006), a qual considera que cada produção textual está vinculada a dada situação de interação, contextualizada socialmente e projetada com uma finalidade discursiva e com determinada concepção de autoria e interlocução. Assim, os fragmentos extraídos da narrativa literária serão problematizados, tendo por base concepções teóricas importantes sobre a constituição das identidades de gênero, concebendo-as principalmente como “práticas de significação” (Butler, 2001).

“A gaiola” – entreabrindo metáforas, identidades de gênero e feminismo

A friagem é um livro de contos, produzidos pela escritora goiana Augusta Faro, que, com maestria e sensibilidade, retrata o universo feminino, descortinando seus contornos, suas singularidades, suas dores e esperanças. Dessa obra, destacamos o texto “A gaiola”, que é narrado em primeira pessoa por uma mulher que avalia de forma contundente sua condição feminina, instaurada em decepções, sofrimentos e no “jeito de quem veio errado viajar no mundo” (Faro, 2001, p. 24)¹. A trajetória de vida dessa personagem é reconstruída por meio de uma narrativa metafórica, carregada de lirismo e alegorias.

Trata-se de uma narrativa fantástica, em que há a representação de uma realidade insólita: uma mulher metamorfoseada em pássaro, o que se deixa depreender por marcas linguísticas como “gaiola” e “piados”. O objeto-título constitui, assim, a tônica de um texto cujas imagens simbólicas remetem a um panorama de privação, de negação de direitos e liberdade, de cárcere doméstico imposto à figura feminina.

A história inicia-se com a insinuação de uma relação sexual, “deitei-me naquele dia sob a telha de vidro² da gaiola” (p. 21), iniciativa que precipitou todo o processo de opressão e sujeição a ser viven-

1. As citações do conto foram extraídas da mesma edição do livro de Augusta Faro e, desse ponto em diante, serão marcadas apenas pelo número da página, quando mais extensas, e por parênteses, quando breves.

2. Interessante analogia com a expressão “teto de vidro”, comumente adotada para se referir às limitações impostas às mulheres no acesso a posições superiores, especialmente no mercado de trabalho. Lamentavelmente, os limites atribuídos a essa personagem antecedem e superam qualquer tentativa de profissionalização.

ciado pela personagem. Ao perceber o relacionamento sexual como uma evidência da dominação, a figura feminina acaba confirmando a constatação de Bourdieu:

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo de dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação (2003, p. 31).

Embora tenhamos dificuldades para aceitar essa lógica da dominação nos moldes de Bourdieu, uma vez que suas análises sobre a sociedade Cabila não podem ser referentes universais e nem estão destituídas de um olhar masculino-cientistahegemônico³, não podemos negar que ela é conveniente para o conto em destaque. A transição entre o ato sexual e a sequência de situações de submissão é quase instantânea na narrativa. A personagem constata que seu erotismo, manifestado na juventude presumida do próprio corpo, despertou o desejo do marido como “desejo de posse” e antecipou o que ela dramaticamente afirma como: “início de um destino esquerdo, que me marcou a testa a fogo e me fez arrastar uma banda do coração como um toco de carne empedrado pela vida afora.” (p. 21).

Em muito pouco tempo, a personagem feminina se vê entregue ao envelhecimento (“embranquecendo os fios dos cabelos”), ao padecimento (“meus olhos acharam-se por bem esburacarem-se”), à falta de energia sexual (“perdi o jogo de cintura”), aos afazeres domésticos, aos cuidados com os filhos, a uma rotina diária que a confinava, gradativamente a entristecia e a fazia questionar sua identidade. Inúmeros são os sinais de rendição e desgosto, que culminam na metáfora da “rosa muito macia e dolorida” do lado esquerdo do peito, um símbolo da beleza para falar de morte.

3. Há vários trabalhos de autoria feminista expondo a fragilidade das teorizações de Bourdieu. O próprio autor, em um artigo posterior intitulado *Novas reflexões sobre a dominação masculina*, tenta esclarecer alguns pontos de contestação, mas acaba por confirmar o que já havia dito sobre a dominação masculina como uma forma particular e estagnada de violência simbólica. De qualquer forma, o autor deixou de lado várias considerações importantes, tecidas historicamente pelas teóricas feministas, acerca da insistência na supremacia masculina e a necessidade de uma postura crítica sobre elas. Esse é um tema instigante, mas, por não ser o escopo central deste trabalho e extrapolar os limites de espaço, não poderá ser debatido em profundidade. Por ora, vale a referência de um texto que enriquece essa discussão: CORRÊA, Mariza. “O sexo da dominação”. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 54, 1999.

A realidade vivenciada por essa mulher confirma que era no seu próprio corpo que ela expressava e experimentava a opressão. O motivo dessa sujeição residia, então, no seu sexo biológico (Redstockings, 1968), na experiência de ser mulher (Grant, 1993), na sua função reprodutora (Beauvoir, 1980[1949]; Firestone, 1976), na sua proximidade com a natureza (Ortner, 1979). Portanto, é o corpo que precisa dar prazer alheio, procriar e amamentar, o motivo da opressão feminina. É ele que acaba confinando a mulher ao espaço doméstico, afinal “as funções fisiológicas femininas tendem universalmente a limitar seu movimento social” (Ortner, 1979, p. 106).

Por outro lado, as identidades de gênero são construtos sociais que estão inegavelmente inscritos em relações de poder, os quais estruturam sistemas de desigualdade e opressão. Sendo assim, a exclusão da personagem do conto, vivenciada também por mulheres de sua geração anterior, é fruto, ao mesmo tempo, de um sistema que condiciona a distribuição hierárquica dos corpos. Isso nos faz retomar as formulações de Rubin (1993), para quem a subordinação feminina é socialmente construída, dentro de um código denominado sexo-gênero, fundado em um sistema de parentesco e no qual “uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana” (p. 2).

Seja marcada no corpo biológico e/ou construída socioculturalmente, a opressão da personagem de Augusta Faro é legitimada pelo marido, que se impõe na narrativa como uma figura dominadora, que transforma sua “virilidade física” em “virilidade simbólica”, para citar novamente termos de Bourdieu. O “homem de botas”, que impunha suas vontades, levantava a voz “como se nascesse rei”, exigia silêncio das/dos ouvintes e se intitulava o “único quem pensava na casa”, personifica a condição que Welzer-Lang (2004) denomina “viriarcado”, uma pretensa superioridade masculina que se traduz na necessidade de o homem se mostrar forte, soberano e competitivo.

Essa relação hierarquizada de gênero não está isenta de danos, ao contrário, impõe às mulheres algumas práticas de sujeição que acabam legitimando atos de discriminação, subjugação e violência. No caso da personagem do texto em análise, a violência é traduzida na imposição do silêncio (“minha voz (...) foi emudecendo de fora para dentro”), no sentimento de desprezo (“pouco é a minha valia e serventia agora”), nos abusos (“alisava o bigode e a traseira das ajudantes”), na servidão (“queria as travessas areadas (...) e que não demorasse o vinho”) e nas traições rotineiras. Dessa forma, percebemos que a violência não se apresenta apenas na forma material, já que ela pode ser, e é, no conto, tramada e reiterada de forma simbólica no cotidiano familiar.

Vale ressaltar que essa faceta psíquica, emocional e moral da violência não é menos letal que as formas de coerção física. Isso porque, além de se instalar subrepticiamente e se impor como norma, ela tem um alcance maior e pode atingir vários indivíduos ao mesmo tempo. No caso de *A gaiola*, o marido se impunha aos filhos, às empregadas domésticas, a demais mulheres da família, àquelas que

lhes supriam as necessidades sexuais, exercendo sua virilidade travestida em força-poderdominação. Tudo isso ratifica as considerações de Saffioti (1999):

Estabelecido o domínio de um território, o chefe, via de regra um homem, passa a reinar quase incondicionalmente sobre seus demais ocupantes. O processo de territorialização do domínio não é puramente geográfico, mas também simbólico. Assim, um elemento humano pertencente àquele território pode sofrer violência, ainda que não se encontre nele instalado (p. 83).

No que tange à alusão, no conto, às mulheres em situação de prostituição, ela é feita de forma conotativa. A personagem refere-se a elas como aquelas que podem suprir as necessidades “derradeiras” do marido, normalmente

nalguma esquina, de preferência naquelas casas onde as moças nem eram tristes nem alegres, mas deitavam tendo sempre um perfume adocicado nos dedos cheios de anéis de pedras de cores meio foscas, pois muitas vezes quando lavavam roupa dos filhos se esqueciam de tirá-los e deixá-los sobre a mesinha de cabeceira junta ao chá de erva-cidreira, que é minguaador do nervoso de cada dia (p. 23).

Essa referência nos permite refletir sobre a questão das mulheres que exercem a prostituição. Em primeiro lugar, elas são vistas como uma “categoria de mulher” à margem da aceitação social, o que pode ser confirmado tanto pelo uso de nomeações pejorativas quanto pelos atributos de clandestinidade, violência e imoralidade aplicados a elas. Detentoras de alcunhas como “puta”, “piranha”, “mulher de vida fácil”, “quenga”, “meretriz”, “destruidoras de lares”, “rameira”⁴, essas mulheres foram, ao longo da história, segregadas das outras: as “de família”.

Por outro lado, a personagem do conto, embora recorra a eufemismos para se referir às prostitutas, deixa entrever que elas são, antes de tudo, mulheres. A própria imagem dos “anéis de pedras meio foscas” confirma o obscurecimento da realidade acerca dessas figuras femininas. O acessório

4. A lista de apelidos é, sem dúvida, bem mais extensa que a apresentada. De qualquer forma, ela nos permite confirmar a relação generificada da prostituição: os homens também se prostituem, mas não é comum nomeá-los como prostitutas, putas etc. Isso não nos deixa esquecer de que a prática de nomeação está assentada numa relação hierárquica e desigual de gênero.

constitui uma espécie de linha tênue entre um contexto de pretensa liberdade e o espaço doméstico e do cuidado com os filhos. Enfim, *a vida não é fácil* para essas mulheres também, e a recorrência ao chá “minguador do nervoso de cada dia” é só uma maneira metafórica de se referir à opressão feminina, que subjaz à “profissão mais antiga do mundo”. Nesse caso, a mesma gaiola que aprisiona a “mulher de família” também o faz com a “mulher da vida”, mesmo que por vias diferenciadas. Isso torna oportuna a evocação de Beauvoir:

A grande diferença existente entre elas está em que a mulher legítima, oprimida enquanto mulher casada, é respeitada como mulher humana; esse respeito começa a pôr seriamente em xeque a opressão. Ao passo que a prostituta não tem direitos de uma pessoa; nela se resumem, ao mesmo tempo, todas as figuras da escravidão feminina (1980, p. 324).

Embora essa concepção de Beauvoir sobre a prostituta como vítima de um sistema machista e patriarcal seja conveniente para refletir sobre a condição das personagens citadas no contexto de “A gaiola”, não podemos desconsiderar que ela é alvo de críticas. Algumas vertentes do movimento feminista veem nela uma lógica essencialista, justamente por desconsiderar a possibilidade que as mulheres têm de ser sujeito de seus corpos e de sua história. Sendo assim, poderíamos ampliar as formulações de Beauvoir, sem descartá-las totalmente, com as de Butler (2003), principalmente no que se refere às críticas dessa autora à noção singular de identidade.

Na perspectiva de Butler, não se pode pensar em mulheres, ainda que no plural, como uma categoria representativa de uma identidade comum e estável. Para ela, “se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é” (p. 20), o que confirma a necessidade de se conceber a construção múltipla e variável da identidade, descartando as convenções ontológicas e as oposições binárias, que, por serem legitimadas pelo poder, produzem as hierarquias e as opressões.

Além disso, Butler (2001), justamente por julgar impossível a separação de gênero e corpo do componente político e das relações de poder, defende que os corpos ao mesmo tempo se materializam, adquirem significado e obtêm legitimidade. Contudo, “a matriz excludente pela qual os sujeitos são formados” (p. 155) impede a materialização de alguns corpos, que são nomeados por *abjetos*. Para essa autora, *abjeto* é tudo o que se encontra fora da matriz de gênero adotada como normal e está relacionado aos corpos que não são considerados vidas, que não apresentam importância no domínio sociocultural e figuram como seres indistintos e não questionados.

Essas considerações permitem problematizar a situação das mulheres no conto de Augusta Faro, uma vez que elas se enquadrariam nas formas de abjeção, ainda que sob diferentes perspectivas. Não se pode descartar a noção de corpos abjetos diante de imagens femininas que se silenciavam (“murchada no silêncio”), se escondiam “num canto do quarto escuro, como uma mancha no ermo”, e se anulavam “muito cedo, por dentro e por fora de tanto arrancarem pedacinhos de carne e sustança do suco de ossos e sangue”.

Apesar de toda a dramaticidade exposta no conto, a personagem expõe uma possibilidade de mudança, quando se refere às mulheres da geração posterior à sua (“as filhas das filhas que carreguei no ventre”). Para ela, essas jovens, que “abriram as portas e janelas”, representariam uma expectativa de transformação, por desafiarem a lógica de dominação masculina. Elas confirmam a tese de Saffioti (1999) de “que em qualquer espaço/tempo sempre há mulheres que não se limitam à imanência” (p. 159).

Vistas sob esse prisma, essas jovens corporificam também formas de resistência adotadas pelo movimento feminista, apesar de sua heterogeneidade fundante. Embora esse movimento tenha contornos, objetivos, valores e demandas historicamente distintas, ele está baseado nas tentativas de inserir a discussão sobre a opressão feminina dentro da esfera política. Maior prova disso está no mote, adotado, inicialmente, por ativistas feministas das décadas de 1960 e 1970, “O pessoal é político”, cujo objetivo central foi trazer para o espaço público questões antes tidas como específicas do privado. Diante disso, o feminismo, independente da *onda*⁵ a que pertença, apregoa a “necessidade de criar novas condutas, novas práticas, conceitos e novas dinâmicas” (Costa, 2009, p. 53).

Sendo assim, a despeito de todas as formas reiteradas de discriminação, é esse caráter subversivo que sustenta o comportamento das jovens que “não abaixam a pestana, nem calam a boca”. Elas expressam a célebre constatação de Beauvoir – autora de uma obra de grande valia para o(s) feminismo(s) –, segundo a qual “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (1980, p. 9). Essa afirmação permite inferir que o feminino não é apenas um dado biológico, mas uma construção sociocultural, o que faz com que seja legítimo e necessário questionar a condição das mulheres e reivindicar sua participação na vida pública, no universo discursivo e nas esferas de poder.

5. O feminismo é marcado por gerações ou fases, ocorridas em épocas distintas, denominadas “ondas do feminismo”. Essas fases foram historicamente construídas de acordo com o contexto sócio-políticocultural e as necessidades de cada tempo. A produção feminista, portanto, não apresenta uma forma consensual e linear de pensamento, pois se enuncia, desde suas origens, em múltiplas vias e em diferentes lugares de produção.

À guisa de uma conclusão

Neste artigo, foi proposta a análise de uma produção escrita literária que nos revelou aspectos importantes sobre a constituição das identidades femininas. Tivemos a oportunidade de confirmar que os sentidos não se esgotam na superfície linguística, mas estão profundamente vinculados à exterioridade, às condições em que foram produzidos e, ao desvelá-los, podem ser acessados os aspectos sociais, históricos, culturais e ideológicos que circulam os dizeres. Da mesma forma, constatamos que as identidades de gênero são instituídas pelas múltiplas instâncias e relações sociais, instituições, símbolos, discursos e doutrinas, materializados na mente e nos corpos.

Nesse caso, “A gaiola” nos impõe a reflexão sobre as formas simbólicas e explícitas de exploração, subjugação e opressão feminina. Nos limites de um espaço doméstico, supostamente em uma cidade do interior, confinava-se uma personagem à deriva de si e dos/as outros/as, protagonista de uma realidade marcada por renúncias, de seu corpo, de sua autonomia, de sua identidade; por abusos; por sujeições reiteradas e aniquilamentos cotidianos.

Contudo, se olharmos além da gaiola, perceberemos que ela pode compor cenários distintos. Não apenas o universo interiorano e rural. A gaiola pode estar nas grandes cidades, violentando cotidianamente mulheres, atada aos caibros de um sistema social que deixa impune seus agressores. Ela pode estar nas empresas, limitando acessos; nas escolas, impondo obstáculos; na ciência, impedindo carreira. Enfim, a gaiola é ainda um objeto atemporal e adaptável a vários contextos.

Entretanto, se há existência ainda de gaiolas, deve haver também o desejo de rompê-las, eliminá-las. Por tudo isso, apesar da imposição da gaiola, é na figura do pássaro travestido de mulher que devemos nos apoiar. Mesmo correndo o risco de evocar o essencialismo, ele tem a sutileza do movimento, o anseio da liberdade e a coragem para enfrentar as barreiras cotidianas para alçar voos. É assim que podemos encerrar a leitura do conto, recorrendo às expressivas palavras de Anzaldúa (2000), em suas considerações sobre a condição feminina: “Sua pele deve ser sensível suficiente para o beijo mais suave e dura o bastante para protegê-la do desdém. Se for cuspir na cara do mundo, tenha certeza de estar de costas para o vento” (p. 235). Definitivamente, pássaros não necessitam de gaiolas, mas do impulso do vento.

Artigo recebido: 11/03/2011

Artigo aceito: 15/07/2011

Referências bibliográficas

ANZALDÚA, Gloria. “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo”. Trad. Édna de Marco. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 1, pp. 229-236, 2000.

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo* [1949]. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina* [1998]. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BUTLER, Judith. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’”. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- _____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COSTA, Ana Alice Alcântara. “O movimento feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política”. In: PISCITELLI, Adriana et al (orgs.). *Olhares feministas*. Brasília: Ministério da Educação: Unesco, 2009, pp. 51-81.
- FARO, Augusta. “A gaiola”. In: _____. *A friagem*. São Paulo: Global, 2001.
- FIRESTONE, Shulamith. *A dialética do sexo*. Labor: Rio de Janeiro, 1976.
- GRANT, Judith. “Inventing feminist theory”. In: _____. *Fundamental feminism: constesting the core concepts of feminist theory*. New York: Routledge, 1993, pp. 17-39.
- ORTNER, Sherry. “Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?” In: ROSALDO, Michelle & LAMPHERE, Loise (orgs.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, pp. 95-120.
- REDSTOCKINGS MANIFESTO. In: SCHEINER, Miriam. *Feminism in our time: the essential writings*. New York: Vintage Books, 1994, pp. 125-129.
- RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres. Notas sobre a “economia política” do sexo*. Trad. Christine Rufino Dabat. Recife: SOS Corpo, 1993.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. “Primórdios do conceito de gênero”. *Cadernos Pagu* (12). Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 1999, pp.157-163.
- _____. “Já se mete a colher em briga de marido e mulher”. São Paulo Perspec. São Paulo, v. 13, n. 4, Dec. 1999. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102->. Acesso em 26 jan 2011.
- SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação e realidade*. V. 20 n. 2, pp. 71-90, 1995.
- WELZER-LANG, Daniel. “Os homens e o masculino na perspectiva das relações sociais de sexo”. In: SCHPUN, Mônica Raisa (org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo, 2004, pp. 107-128.